

Índice

Parte I — Julian	9
Parte II — Edith	91
Parte III — Edith e Julian	191
Agradecimentos	255
Notas de Tradução	257

1

Julho 2016

Julian, o meu amigo banqueiro, levou-me pela primeira vez a almoçar em julho, o mês em que cheguei a Hong Kong. Tinha-me esquecido em que saída da estação ficámos de nos encontrar, mas ele telefonou a dizer que me viu à porta da padaria Kee Wah e pediu-me para aguardar ali. Estava húmido. Portadores de pastas saíam dos torniquetes a trote como póneis de criação. Os alto-falantes alardeavam primeiro em cantonês, depois em mandarim, e, por fim, uma inglesa dizia, atenção à distância entre as portas das carruagens e a plataforma.

Quando atravessávamos o átrio e, depois, ao subirmos as escadas rolantes, comentámos o facto de Hong Kong estar tão apinhada de gente. Julian observou que Londres estava mais calma, e eu disse que Dublin também. No restaurante, pousou o telemóvel na mesa, com o ecrã virado para baixo, portanto fiz o mesmo, como se também para mim aquilo representasse um sacrifício profissional. Ciente de que ele iria pagar a conta, perguntei se queria água — mas enquanto perguntava ele pegou no jarro e serviu-nos.

— O trabalho é de doidos — disse. — Nem sei bem o que raio ando a fazer.

Os banqueiros diziam frequentemente a mesma coisa. Quanto menos conhecimento alegavam, mais sabiam e maiores eram os seus salários.

Perguntei onde morara antes de vir para Hong Kong, e ele respondeu que estudara História em Oxford. As pessoas que frequen-

taram Oxford acabam sempre por nos dizer isso, ainda que não o perguntemos. Depois, como “toda a gente”, foi para a *City*. “Que cidade?”, perguntei. Julian interrogou-se se as mulheres diziam piadas, concluiu que sim e riu-se. Eu disse que não sabia onde iria parar. Perguntou-me que idade tinha, respondi que acabara de fazer vinte e dois, e ele disse-me que eu era ainda uma criança e que iria acabar por descobrir.

Comemos as nossas saladas, e ele perguntou-me se já tinha tido algum encontro em Hong Kong. Eu respondi que não propriamente, sentindo que, como advérbio, o “já” implicava coisas contraditórias e que ele poderia ter feito escolhas mais sensatas. Na Irlanda, respondi, não se “tem encontros”. Vamos curtindo e passado algum tempo chega-se a um entendimento.

— Então, estás a dizer que é como em Londres — disse Julian.

— Não sei — respondi. — Nunca lá estive.

— *Nunca* estiveste em Londres?

— Não.

— Jamais?

— Jamais — repeti, fazendo uma pausa suficientemente longa para o convencer de que, à sua segunda pergunta, tentara mudar este facto acerca da minha história de vida e que lamentava muito ter falhado.

— Ava — disse —, é inacreditável.

— Porquê?

— É um voo tão curto desde Dublin.

Também eu estava desiludida. Ele nunca tinha estado na Irlanda, mas teria sido redundante lembrar-lhe de que se tratava de um voo igualmente curto.

Conversámos sobre as notícias. Ele lera no *FT* que o renminbi estava a descer face ao dólar. A única informação que eu tinha para oferecer era a de que uma tempestade tropical estava a caminho. “Sim — respondeu —, a Mirinae. E um tufão na semana seguinte.” Concordámos que se viviam tempos emocionantes.

Ambas as tempestades chegaram. De qualquer das formas, continuámos a almoçar juntos. “Fico contente por sermos amigos”, dizia, e longe de mim corrigir alguém que estudara em Balliol. Achei que passar tempo com ele me iria deixar mais inteligente, ou, pelo me-

nos, preparar-me para falar sobre moedas e índices com as pessoas sérias que iria encontrar ao longo da minha vida adulta. Dávamo-nos bem. Eu apreciava o dinheiro dele, e ele apreciava a facilidade com que eu me deixava impressionar por isso.

Eu fora infeliz em Dublin, decidira que a culpa era de Dublin e achara que Hong Kong ajudaria.

A minha escola TEFL¹ ficava num bairro comercial com edifícios em tom pastel. Contratavam apenas gente branca, mas certificavam-se de que não o punham por escrito. Como dentes de tubarão, os professores caíam e eram substituídos. A maior parte eram mochileiros, que partiam mal tinham poupado o suficiente para irem para a Tailândia. Eu não fazia ideia de quem era, mas duvidava de que os tailandeses o soubessem. Porque me faltava afetuosidade, eram-me sobretudo atribuídas aulas de gramática, revertendo-se num indicador positivo o facto de as crianças já de si não gostarem da disciplina. Achei isto uma pausa revigorante à forma como, geralmente, as pessoas avaliavam as mulheres.

Os alunos vinham para aulas semanais. Ensinávamos consecutivamente, com exceção da hora do almoço. Tornei-me conhecida como a Senhora WC por me escapular entre as aulas para urinar.

— Ava, onde estiveste? — perguntou Joan, a minha subdiretora — una, santa e apostólica, já que dava dinheiro sê-lo, mas não católica, uma vez que não dava — quando regresssei de uma das minhas idas à casa de banho. Foi uma das primeiras hongueconguenses que eu conheci.

— Foram só cinco minutos — respondi.

— De onde vêm esses minutos? — perguntou Joan. — Os pais pagam por sessenta por semana.

— E se eu terminar a aula ligeiramente mais cedo? — perguntei.
— Depois começo a seguinte ligeiramente mais tarde. Tiro dois minutos de uma, dois minutos de outra.

— Mas são dois minutos do começo e dois do final de uma aula que fica a meio de outras. — Joan tentava gesticular, mas como pessoa com duas mãos era-lhe difícil representar por gestos as três aulas ensanduichadas. Com um suspiro sarcástico, pôs de lado a tentativa como se a culpa fosse minha.

Eu precisava de levar o assunto a uma autoridade superior.

O nosso diretor, Benny, tinha quarenta anos e usava um boné de baseball com a pala virada para trás, ou para mostrar que adorava trabalhar com crianças, ou para enfatizar que era o seu próprio patrão e que não se vestia para agradar a ninguém, nem mesmo a si próprio. Nascido em Hong Kong, educado no Canadá, repatriado e bem-sucedido, tinha uma dúzia de outras escolas e — de forma evocativa, achei — uma empresa irlandesa de algas. Referia-se a esta última como um “regresso” a Connemara, um lugar onde nenhum de nós estivera, embora eu achasse que realçava a poesia da coisa. A responsabilidade era dele, um reflexo da sua aversão habitual para se desfazer do dinheiro.

Quando Benny apareceu no final de julho para me pagar, disse-lhe que estava a pensar em ir-me embora.

— Porquê? — perguntou. — Estás cá há um mês.

— Preciso de ir à casa de banho entre as aulas. Faço infeções urinárias se não o fizer.

— Não vais desistir por causa disso.

Ele tinha razão. Além de tudo o mais, eu não me despedira por causa da sua política de contratação racista, portanto teria sido esquisito sair só porque não podia dar uma mijadela sempre que queria.

Eu sabia estar disposta a fazer qualquer coisa por dinheiro. Durante a faculdade, na Irlanda, costumava ter uma conta-poupança a que chamei, de forma ternurenta, “fundos para aborto”. No final, a conta continha 1500 €. Conheci algumas mulheres que poupavam com as amigas e ajudavam quem quer que tivesse azar. Mas eu não confiava em ninguém. Reuni o dinheiro a servir às mesas, e continuei a pou-